
NIETZSCHE - II CONSIDERAÇÃO INTEMPESTIVA

Gabriela Miranda Zabeu

Resumo

Encontramos, entre os artigos escritos por F. W. Nietzsche (1844- 1900) reunidos na publicação brasileira *Escritos Sobre a História*, o título *II Consideração Intempestiva: Sobre a Utilidade e os Inconvenientes da História para a Vida* (1874). Após analisarmos os principais conceitos aí desenvolvidos, veremos como conhecer e compreender a história de forma apropriada é uma preparação para se encontrar novas formas de compreender o mundo e a nós mesmos. Não é preocupação de Nietzsche o modo como adquirimos os conhecimentos históricos, mas como os conhecimentos históricos podem nos servir à vida. Assim, o ser humano relaciona-se com o tempo de modo muito diferente da concepção tradicional. Pois não é o passado que deve determinar o futuro, mas o futuro que deve determinar o passado.

Dividiremos este artigo em três partes que se complementam. A primeira parte – sob o título *II Consideração Intempestiva: História e Vida* – apresenta sucintamente conceitos basilares do texto de Nietzsche. A segunda – *Hermenêutica: a Arte da Interpretação* – tem seu foco no modo como devemos interpretar a história apropriando-nos dela de modo que sirva à vida. E a terceira parte – com o título *O homem criador* – pretende alguns apontamentos finais relacionando as duas primeiras partes do presente artigo.

Palavras chave:

Nietzsche, História, Vida, Hermenêutica.

Cursa o último semestre da Graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Durante o curso foi bolsista do CNPq em Iniciação Científica na área de ética, tendo desenvolvido sua pesquisa sobre O Prescritivismo Universal de Hare e a Bioética. Atualmente tem seus estudos focados em Ontologia, especificamente em Heidegger e Gadamer. Está envolvida em um novo projeto de estágio na Licenciatura em Filosofia pela UFSC, lecionando na E. E. B. Prof. Henrique Stodiek, em Florianópolis.

II Consideração Intempestiva: História e Vida

Nietzsche, em *II Consideração Intempestiva: Sobre a Utilidade e os Inconvenientes da História para a Vida*, tem seu discurso voltado para o conhecimento histórico. Devemos entender por isso, não somente as concatenações dos fatos que nos chegam sob o nome de “história”, mas tudo quanto podemos chamar conhecimento humano, principalmente todos os grandes pensadores, cientistas e artistas da humanidade. Vejamos como em Nietzsche, os conhecimentos históricos podem provocar no ser humano dois diferentes estados.

Podem servir como fonte de estagnação e paralisia da vida; ou como nutriente da vida: da atividade e do movimento. Por um lado, o homem é visto servindo a história, preso a um excessivo culto ao passado, estagnando assim as possibilidades do presente e do futuro. Por outro lado, o homem apropria-se da história, e consciente do limite até o qual ela pode servi-lo, ele a utiliza para seu desenvolvimento autêntico¹ e próprio. Assim, ele pode “transformar e assimilar as coisas passadas ou estranhas, curar suas feridas, reparar suas perdas, reconstruir por si próprio as formas destruídas” (NIETZSCHE, 2005, p. 73). Quando o homem encara a história dessa forma, apropriando-se dela, ele está sobre uma *perspectiva histórica legítima*, age em benefício da vida, das possibilidades do movimento, da criação. Veremos que não se trata de como adquirimos conhecimentos históricos, mas de como os conhecimentos históricos podem nos servir à vida.

O homem, segundo Nietzsche, sofre por seu passado. Tanto o homem individual por seu passado pessoal, como os homens em geral pela história da humanidade. Nietzsche faz uma comparação entre o homem e o animal, e diz que pelo fato de os animais estarem sempre absorvidos pelo presente, eles vivem de modo a-histórico (2005, p. 71). O conceito de a-historicidade de Nietzsche, parte então, desse desligamento do passado, da capacidade de esquecimento da história quando

¹ Nietzsche não utiliza o termo “autêntico”, ele diz *original*. Mas original pode ser confundido com primitivo, primordial, o novo. Não utilizamos aqui nem o termo *novo*, pois não pode ser tomado estritamente como correspondente do sentido da palavra original que ele emprega, uma vez que Nietzsche não concebe em suas obras seguintes o novo enquanto ruptura total, pois está sempre ligado ao passado, na ideia do eterno retorno. O sentido de original em Nietzsche indica o legítimo, independente, o *tornar-se quem se é*, a criatividade individual. Por isso, preferimos utilizar o termo autêntico.

apropriado². Dessa forma, é possível, como fazem os animais, sentir as coisas no ímpeto dos instantes.

Nota-se, em Nietzsche, que tanto a perspectiva histórica como a perspectiva a-histórica são igualmente necessárias para a vida. O homem deve conhecer a história de modo a se apropriar dela, mas deve também estabelecer um limite ao se voltar para o passado para que haja a possibilidade do a-histórico, e, então, do anti-histórico. “Nenhum artista realizaria sua obra, [...] nenhum povo conquistaria sua liberdade, sem que essas coisas tivessem sido previamente desejadas e perseguidas num tal estado de a-historicidade” (NIETZSCHE, 2005, p. 76). Pois, se tais homens se mantivessem presos ao passado e em conformidade com o presente, não seriam capazes de visualizar novas possibilidades de futuro. Momentos de grandes acontecimentos só podem ser concebidos por quem se eleva em uma perspectiva supra-histórica, e assim, reconhece que a ignorância e a injustiça do indivíduo são as condições que possibilitam toda ação, e que devemos nos cuidar na tentação de cultuar excessivamente a história (2005, p.78). É somente agindo contra nossa época que o futuro pode nos chegar.

Enquanto o conceito de a-historicidade designa a faculdade do esquecimento, a perspectiva supra-histórica é aquela em que o homem tem a capacidade de visualizar como nos grandes momentos da história pôde-se desligar-se dela, e ao observar e meditar sobre sua situação histórica, pôde agir contra sua época (o anti-histórico). É a partir da perspectiva supra-histórica que o homem compreende que não há um progresso na história, mas que ela é permeada por rupturas³.

Para que o homem encare e faça história de maneira apropriada (uma vez que todo homem já é história, está inserido nela e com ela se faz), para que se realmente viva, o ser humano deve estar na fronteira, transitar entre o histórico, o a-histórico e o supra-histórico. O ser humano tem de estar entre o movimento e a parada, para que observemos, reavaliemos o que queremos, para que possamos criar, e então, estar de volta ao movimento. Nietzsche, assim, exige uma força sobre seu tempo e aponta para o intempestivo. Pede um agir contra sua época em benefício de uma época vindoura (2005, p. 70).

² Nietzsche também foca a questão do esquecimento no Segundo Ensaio de *A Genealogia da Moral*. A capacidade de esquecimento aparece como força e manifestação de saúde, a qual deve se contrabalancear com a memória (2007, p. 28).

³ Perspectiva a ser desenvolvida no presente texto.

Com a breve exposição realizada sobre o conceito de história em Nietzsche, vamos citar três formas como ele encara a história (2005, p. 90). O homem que se acomoda na rotina do respeito pelas coisas antigas, que simplesmente cultiva o passado, encontra-se na concepção de *história tradicionalista*. Já a *história monumental* é aquela a que o homem recorre quando quer fazer grandes coisas, é por meio dela que ele pode apropriar-se do passado em suas necessidades. E o homem que é oprimido pelo presente e sente necessidade de livrar-se desse fardo, volta-se para a *história crítica*, a que julga e condena. Essas três concepções de história são legítimas quando bem utilizadas. Devemos saber transpô-las de forma adequada, transitando entre as perspectivas históricas de modo que nossos conhecimentos estejam a serviço e em benefício da vida, do auto desenvolver-se criador.

Hermenêutica: a Arte da Interpretação

Em Nietzsche, a ideia de criação e de movimento que se encontra no conceito de vida choca-se com a concepção de um progresso histórico, o que já apontamos e analisaremos agora. De acordo com ele, o homem que se encontra preso à história dando-lhe um valor excessivo é aquele que acredita que o sentido da existência se revela em um progresso (2005, p. 79), isto é, em um suposto desenvolvimento linear da humanidade fundado na concepção historicista.

A concepção de progresso histórico fora afirmada em todos os campos do conhecimento e aceita tradicionalmente a partir do objetivismo. Mas compreender a história dessa forma é agir contra a vida, contra o movimento que a perspectiva supra-histórica é capaz de perceber, e que a perspectiva a-histórica é capaz de dar possibilidade. Somente exercendo uma influência intempestiva sobre sua época, isto é, rompendo com qualquer concepção de linearidade histórica, é que se está a favor da vida. Deste modo, nosso poder de vida não é estagnado pelo excessivo culto ao passado, às formas como sempre se viu o mundo. O homem que age em favor da vida é o criador, é aquele que encontra novas formas de conceber o mundo, que é capaz de buscar uma vivência da “experimentação” (2002, p. 57). Serão estes, os capazes de agir contra o presente dando novas perspectivas ao futuro, os homens lembrados, os verdadeiros seres históricos.

Foquemos um pouco na concepção hermenêutica que Schleiermacher apresenta antes que passemos ao próximo ponto. A hermenêutica é compreensão que vem da

interpretação “a partir da natureza da linguagem e das condições basilares da relação entre o falante e o ouvinte” (SCHLEIERMACHER, 1999, p. 64), entre o autor e o intérprete. “A interpretação é arte [...] Pois em geral é construção de um determinado finito a partir de um indeterminado infinito” (SCHLEIERMACHER, 2005, p. 49), ou seja, é a construção de um sujeito em determinado momento que diante do que lhe chegou historicamente, interpreta e dá sentido as coisas. O que se questiona a partir da tradição hermenêutica como a de Schleiermacher, e podemos citar aqui também Dilthey, Heidegger, Gadamer e Nietzsche (sem que nos aprofundemos na complexidade de cada teoria), é se uma determinação objetiva significativa do que foi dito é uma tarefa possível, ou se o que se pode fazer são aproximações. Comprometeremos-nos aqui, com a segunda posição, pois falamos de hermenêutica em Nietzsche. O sentido do que se diz apenas pode ser captado por usos particulares dos sujeitos individuais (que possuem diferentes pontos de vista), isto é, o sentido é algo infinito. É o sujeito que interpreta o que foi dito, ele se apropria do que deve ser interpretado à sua medida. Nietzsche apresenta uma concepção bem diferente de Schleiermacher de como se dá a interpretação, apenas citamos aqui um recorte de sua teoria para fazermos uma apresentação da hermenêutica. O que nos interessa é a ideia do agir em favor da vida e como isso está relacionado com o ser criativo perante a história e suas interpretações, o encontrar novas formas de conceber o mundo.

Nietzsche, neste ponto, está próximo à visão hermenêutica que Rorty expõe em *A filosofia e o espelho da natureza* com relação ao papel do filósofo⁴ (capítulo VIII) e com relação à quebra com a concepção de progresso⁵ (capítulo VII). No capítulo VII, Rorty critica a epistemologia baseando-se no rompimento com a concepção tradicional de progresso do conhecimento científico. No entanto, falar da incomensurabilidade dos discursos⁶ é também característica própria da hermenêutica e serve-nos como crítica à ideia de progresso que permeia de diferentes formas a história da filosofia e de todo o conhecimento humano, e não somente das ciências. As concepções mais recentes não são consideradas melhores que as do passado, pois cada concepção diz respeito às questões próprias de sua época, assim, não há meio de comensuração entre as diferentes

⁴ Cap. VII: Da Epistemologia à Hermenêutica, onde Rorty baseia seu discurso em Gadamer.

⁵ Cap. VIII: Filosofia sem Espelhos, onde Rorty baseia seu discurso em Kuhn.

⁶ Teoria de Kuhn, em *A Estrutura das Revoluções científicas*.

visões de mundo. Nenhuma perspectiva é privilegiada perante as outras⁷, o que Nietzsche pede é para que sejamos criadores, que nos projetemos para além das perspectivas já dadas.

Quando Nietzsche fala sobre nos apropriarmos da história para que ela nos sirva à vida, isso compactua com o que Rorty, no capítulo VIII, diz a respeito dos filósofos que se tornam pessoas diferentes, que se refazem ao lerem mais, ao falarem e escreverem mais (1988, p. 278). Rorty pensa a partir de Gadamer⁸, apontando o tipo de consciência do passado que nos altera “para caracterizar uma atitude interessada, não tanto naquilo que está lá fora no mundo, ou naquilo que se passou na história, quanto naquilo que podemos extrair da natureza e da história para nosso próprio uso” (RORTY, 1988, p. 279). Dessa forma, conhecer e compreender a história é uma preparação “para se encontrar uma nova e mais interessante maneira de nos expressarmos a nós mesmos, e, por conseguinte, de enfrentar o mundo⁹” (RORTY, 1988, p. 279).

*Edificação*¹⁰, como salienta Rorty, significa este projeto de encontrar novas e mais fecundas maneiras de falar. “A tentativa de edificar (a nós mesmos ou a outros) pode consistir na atividade hermenêutica de estabelecer ligações entre a nossa própria cultura e qualquer cultura exótica e período histórico” (RORTY, 1988, p. 279). Essas “ligações”, das quais Rorty fala, parecem remeter para o mesmo caminho que Nietzsche aponta quando diz que ao se apropriar da história, o homem “teria aprendido a achar em todo lugar – em cada homem e em cada acontecimento, [...] a resposta à questão do porquê e do como da existência” (NIETZSCHE, 2005, p.78). Assim, apropriamos-nos da história, podemos interpretá-la, re-significá-la de modo que nos sirva à vida. Vemos em Nietzsche, que “um fenômeno histórico, precisamente e inteiramente conhecido totalmente transformado num fenômeno cognitivo, é para aquele que o conhece um objeto morto” (2005, p. 81).

Nietzsche, assim, nega a concepção de progresso como o sentido da existência, como se os progressivos fatos históricos nos lançassem uma luz em direção ao futuro

⁷ Em a *II Consideração Intempestiva: Sobre a Utilidade e os Inconvenientes da História para a Vida*, no parágrafo sexto (2005, p. 116), Nietzsche critica diretamente a perspectiva do objetivismo histórico ao considerar-se mais forte e mais justo do que os homens de outras épocas.

⁸ Fazendo notas (1988, p. 278) de sua leitura de: Gadamer, *Truth and Method*, Nova Iorque, 1975.

⁹ Com vistas no que Nietzsche já aponta na *II Consideração Intempestiva* a respeito do apropriar-se da história para se obter uma postura autêntica e criadora que possibilite o *tornar-se quem se é*, vale salientar que Rorty fala a partir de um ponto de vista educativo. É ao conceito de *Bildung* que Rorty se refere ao falar de *Edificação* (1988, p. 279) e que Larrosa, em seu livro *Nietzsche e a educação*, recorrerá, como veremos.

¹⁰ Conceito de Rorty fundado na *Bildung* de Gadamer.

(2005, p. 79). Para ele, toda ação, toda criação, tem como precedente uma negação de tudo o que impede a vida de se manifestar, como o culto excessivo à história o faz. O todo o qual chamamos história é o modo como o espírito do homem percebe as realidades que são para ele incompreensíveis, no entanto, todos os homens seguem suas necessidades individuais, tornando assim impossível enxergar um conjunto histórico que englobem essas diferentes buscas. É por um sentimento de necessidade de tornar compreensível o incompreensível que o homem começa a inserir os diferentes fenômenos harmoniosamente em um todo coerente, mas que só existe na verdade em sua imaginação (2005, p. 122).

Podemos compreender que Nietzsche e Rorty, ao negarem o progresso do conhecimento histórico, negam também o conceito que temos de “verdade” diante da história. As descobertas, os discursos mais recentes não são melhores ou mais verdadeiros do que os de antigamente, não temos um padrão para avaliar isso. Cada qual responde às necessidades de sua época, re-significando, re-interpretando o mundo em seu tempo à sua maneira. Mas notamos, historicamente a humanidade sempre apresentou discursos que apontavam verdades (em cada época, por cada pensador, em cada área do conhecimento, por cada povo em seu conjunto de crenças, em cada teoria, foram afirmadas “verdades” incontestáveis – até que prove-se o contrário¹¹). Ver a história humana como um progresso em direção à verdade é justamente o que bloqueia o homem da re-significação histórica, da busca de si mesmo, de sua própria verdade. E mesmo em sua escrita, Nietzsche transmite isso, como aponta Larrosa. Nietzsche não deseja transmitir uma verdade, não pretende atacar saberes a partir de outro saber, não quer nem “instruir” o leitor. “O que busca é expressar uma força que se combine com outras forças, com outras experiências, com outros temperamentos, e os leve além de si mesmos” (LARROSA, 2002, p. 19), em uma construção contínua na busca por sua autenticidade. Nietzsche pede por leitores traidores, que não o sigam, mas que apoiem-se em si mesmos.

Vê-se que as diferentes teorias em cada área do conhecimento humano, como também as diferentes concepções de arte e modo de fazê-la em cada artista, não seguem uma linearidade, mas apresentam-se como Rorty e Nietzsche apontam – ou como uma negação do que há anteriormente, ou como algo simplesmente diferente, partindo de

¹¹ No quarto aforismo em *Além do Bem e do Mal*, Nietzsche fala de modo belíssimo, onde renunciar a falsidade dos juízos é renunciar a vida, e o reconhecimento da inverdade é condição de vida (2010, p. 11).

outros pressupostos. Nota-se, entretanto, que não é por não haver progresso, ou pela destruição da nossa crença na verdade, que haveríamos de nos converter em niilistas, no sentido negativo do termo. O niilismo neste sentido, alvo das críticas à Nietzsche, concebe historicamente a humanidade sempre buscando fundamentos em que se apoiar, nas Ideias eternas, em um Deus ou em deuses, na ciência, na razão, no transcendental, etc.¹², no entanto nunca bastando-se em sua busca, pois cada apoio encontrado mostrava-se insuficiente. O niilismo, encarado deste modo, coloca-nos diante à descrença sobre qualquer fundamento que oriente a vida humana.

A história da humanidade, a partir desse caráter ascético da racionalidade ocidental, é vista por Nietzsche como uma história do niilismo pelo abandono dos grandes valores que a guiassem. O homem, desconsolado, não encontra mais em que se apoiar. Todos os fundamentos que antes foram elevados em um estandarte mostraram-se insuficientes. Agora o homem está sozinho, deve buscar em si mesmo a vontade que lhe dê poder de vida. Nessa perspectiva, podemos ler em Nietzsche¹³, o niilismo passivo quando a Moral do Ressentimento se impôs, e o niilismo ativo quando novas perspectivas se impõem pelos homens nobres, criadores, através de sua vontade de potência. A partir de tais ideias, Nietzsche, depois, vai falar do Além-do-homem (que é personificado pelo Zaratustra¹⁴), que é o homem que supera o niilismo passivo, a vontade de nada, e se coloca à favor da vida, na auto-superação contínua.

Nietzsche, portanto, não pode ser considerado um mero niilista, mas alguém que negando as concepções de sua época e agindo contra ela, mantém uma postura de aceitação da vida, do movimento; e nos clama seres corajosos, criadores, capazes de novos modos de interpretação da história e do mundo, e não busque ficções como deuses em que se apoiar, mas que seja capaz de apoiarem-se em si mesmos, isto é, que tomem como fundamento único a vida.

¹² Podemos destacar alguns momentos a fim de elucidar a questão. Quando o homem tomava como fundamento para sua vida um suposto Deus, o qual Nietzsche ataca em *A Genealogia da Moral* como o Deus pesado, da ira, este não bastou para acalantar a humanidade. Então, fez-se da ciência e da racionalidade fundamento para guiar a vida do homem, como no auge do Iluminismo, mas este também não foi o apoio para se resolver as questões existenciais da humanidade. Agora, vivemos a ditadura do “impessoal” (como diria Heidegger em *Ser e Tempo*), onde os homens esbarram-se entre si, em vidas impróprias, em repetição do discurso alheio, com uma educação que nivela e forma uma massa sem face.

¹³ De acordo com o que é exposto em: NIETZSCHE, F. **A Genealogia da Moral**. São Paulo: Centauro, 2007.

¹⁴ Em: NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

O homem criador

Os conhecimentos históricos, como vimos, não são importantes em si mesmos, mas somente perante à vida. A vida lida com a história e com o tempo, mas o tempo aqui é tomado não no sentido vulgar dos fragmentos contínuos marcados pelo relógio, pela concepção do objetivismo histórico. O ser humano se relaciona com o tempo de forma diferente, só ele pode apropriar-se do tempo, lidar com ele de forma pessoal, interpretar o passado, projetá-lo num futuro. O viver é viver para o futuro, para o devir, *é tornar-se quem se é*. Mas não há um conceito universal para todo ser humano, não há uma medida única para o viver. Cada ser humano se realiza de forma diferente, o indivíduo é um acontecimento único. É dessa forma que devemos conceber a história, em prol da vida, do movimento, da multiplicidade que há em cada pessoa.

O saber com o qual o homem empanturra-se, muitas vezes sem necessidade “não age como uma força transformadora orientada para fora, fica dissimulado numa certa interioridade caótica” (NIETZSCHE, 2005, p. 100). Este tipo de conhecimento não constitui “uma cultura autêntica, mas somente uma espécie de saber sobre a cultura” (NIETZSCHE, 2005, p. 100). Seria esse tipo de conhecimento que se acumula, nada mais que um “manual da cultura interior para os homens exteriormente bárbaros” (NIETZSCHE, 2005, p. 102). Como vemos em Nietzsche, o que se exprime externamente no homem em atos visíveis, se reduz à convenção, à conservação da tradição, à imitação, à inautenticidade, ou seja, ao corrompimento pela história. O homem moderno é um homem do rebanho. “Move-se nos limites do convencional e do permitido; só sabe ouvir o que já lhe foi dito, ver o que já foi visto e pensar o que já se pensou” (LARROSA, 2002, pág. 38). O apropriar-se da história para a vida em Nietzsche vai justamente contra isso. O verdadeiro homem culto é aquele que descobre em si o poder de vida. “É somente a partir da mais elevada força do presente que tendes o direito de interpretar o passado” (NIETZSCHE, 2005, p. 126), “somente aquele que constrói o futuro tem o direito de julgar o passado” (NIETZSCHE, 2005, p. 127). Ao projetar-se para o futuro, o homem reprime a perspectiva do objetivismo histórico, o impulso analítico que devasta nosso presente, que nos impede de crescer (2005, p. 27-28).

Rorty diz que não podemos ser educados sem que saibamos bastante acerca das descrições do mundo oferecidas pela nossa cultura, para que mais tarde, talvez, possamos atribuir menos valor a isso e agir na possibilidade hermenêutica existencial

(1988, p. 283), e por que não dizer, experimental. Nietzsche diz o mesmo quando fala da importância de se ter conhecimento histórico, mas saber se movimentar também a partir de uma perspectiva a-histórica e supra-histórica, fazendo a história servir à vida, a essa experiência única para a qual devemos nos lançar corajosamente.

Se, de acordo com Nietzsche, um fenômeno histórico transformado num fenômeno cognitivo é para quem o conhece um objeto morto (2005, p. 81), é nossa relação existencial com tudo o que nos chega que dá sentido às coisas. “Mais ainda, viver é interpretar, dar um sentido ao mundo e atuar em função desse sentido” (LARROSA, 2002, p. 17). O que parece impedir isso são os livros-pregadores (utilizando o termo de Larrosa). Os leitores que Nietzsche pede, não devem estar em busca de verdades dadas, mas devem buscar a si mesmos (2002, p. 22), dar ao conhecimento e à história o sentido de si.

Voltemos ao conceito de *Edificação* exposto por Rorty. Larrosa aponta para este mesmo conceito (2002, p. 43). De acordo com ele, *Bildung* “poderia ser entendida como a ideia que subjaz ao relato do processo temporal pelo qual um indivíduo singular alcança sua própria forma, constitui sua própria identidade, configura sua particular humanidade ou, definitivamente, converte-se no que é” (LARROSA, 2002, p. 45). Ao encarar a história como nutriente para a vida, que possibilita a atividade e o movimento, consciente do limite até o qual ela pode servi-lo, o homem tem a possibilidade de se desenvolver de maneira autêntica e independente, assim, nos construímos, desconstruindo a história e os conhecimentos que nos são simplesmente dados culturalmente.

Para chegarmos a ser o que somos, temos que distinguir cuidadosamente e destruir impiedosamente, o que Nietzsche fala sobre o espírito da arte, da vontade de criar (2002, p. 56). Tal vontade se dá por necessidade, por oposição do estabelecido que oprime. Por isso, o “chegar a ser o que se é” está aqui do lado da liberdade, entendida como vontade e necessidade de arte. Aqui, a *Edificação* “começa a mostrar também sua dimensão estética ou poética, sua face de autocriação artística” (LARROSA, 2002, p. 56). O que se é, está do lado da unidade na multiplicidade, de uma singularidade múltipla que é a obra de arte. O homem é visto por Nietzsche como um animal da invenção, onde as diferentes formas de consciência são frutos dessa capacidade inventiva, da experimentação (2002, p. 56, 57). Dessa forma, “cada um, no fundo, é gênio, na medida em que existe uma vez e lança um olhar inteiramente novo sobre as coisas. Multiplica a natureza, cria por este novo olhar” (NIETZSCHE, apud DIAS,

2003¹⁵). Todo homem “está no mundo somente uma vez, como um caso único, e que jamais o acaso, por mais caprichoso que seja, reunirá uma segunda vez uma tão estranha diversidade multicolorida num todo tal como é” (NIETZSCHE, apud DIAS, 2003¹⁶).

Nietzsche quer homens de personalidades fortes, onde cada um ao passar por um processo de enfrentamento da vida, forma-se em suas características próprias. Personalidades fortes fazem história, criam um estilo próprio. Se no início *Edificação*, tem a forma de negação, seu meio tem a forma da experiência. “E a experiência é o que nos passa e o modo como nos colocamos em jogo, nós mesmos, no que se passa conosco [...]. A experiência é uma passagem, [...] na qual o sujeito da experiência se prova e se ensaia a si mesmo” (LARROSA, 2002, p. 57). Em sua formação o sujeito está em uma aventura que “não está normatizada por nenhum objetivo pré-determinado” (LARROSA, 2002, p. 57). Na experiência está o perigo. “E o grande inventor-experimentador de si mesmo é o sujeito sem identidade real nem ideal, o sujeito capaz de assumir a irrealidade de sua própria representação e de submetê-la a um movimento incessante e ao mesmo tempo destrutivo e construtivo” (LARROSA, 2002, p. 57).

É um sujeito que não se concebe como algo simplesmente dado, como uma substância que possui uma essência que a define, mas é um sujeito que se entende como algo a se compor, “como uma permanente transformação de si, como o que está sempre por vir” (LARROSA, 2002, p. 58). Nietzsche desenvolve e aprofunda estes conceitos do tornar-se quem se é, Larrosa os analisa, mas não cabe a este trabalho nos aprofundar em tais questões. Deixamos em aberto o campo para futuras investigações, uma vez que nos propusemos a focar nossa investigação na II Consideração Intempestiva.

Há incontáveis modos de nos tornarmos quem somos, assim como há incontáveis formas de interpretarmos os que foram.

¹⁵ Fragmentos póstumos 34 [8] In: NIETZSCHE, F. *Le livre du philosophe* (coletânea dos fragmentos póstumos da primavera de 1873). Paris: Aubier-Flammarion, 1969.

¹⁶ Schopenhauer educador. §1, (7). In: NIETZSCHE, F. *Considérations inactuelles III et IV*. Paris: Galimard, 1988.

Bibliografia

- DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche educador**. São Paulo: Scipione, 2003.
- GADAMER. **Truth and Method**. Nova Iorque: The Seabury Press, 1975.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**, Parte I. Petrópolis, Vozes, 1988.
- KUHN. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- NIETZSCHE, F. **A Genealogia da Moral**. São Paulo: Centauro, 2007.
- NIETZSCHE, f. **Além do Bem e do Mal**. São Paulo: Schwarcz, 2010.
- NIETZSCHE, F. **Assim falou Zarathustra**. São Paulo: *Martin Claret*, 2004.
- NIETZSCHE, F. **Considérations inactuelles III et IV**. Paris: Galimard, 1988.
- NIETZSCHE, F. **Le livre du philosophe** (coletânea dos fragmentos póstumos da primavera de 1873). Paris: Aubier-Flammarion, 1969.
- NIETZSCHE, F. **Segunda consideração Intempestiva: Sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida**. In: *Escritos sobre a história*. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.
- RORTY, R. **Filosofia e o espelho da natureza**. Cap. VII e VIII. Lisboa : Publicações *Dom Quixote*, 1988.
- SCHLEIERMACHER, F. **Hermenêutica e crítica**. Ijuí: Unijuí, 2005.
- SCHLEIERMACHER. F. **Hermenêutica: arte e técnica da interpretação**. Petrópolis: Vozes, 1999.